

DEPÓSITOS DE AMETISTA EM SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL

Pedro Luiz Juchem¹; Nelson Luiz Chodur²; Antonio Liccardo³

¹ INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL; ² DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ; ³ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

RESUMO: Na região Sul do Brasil ocorrem importantes depósitos de ametista, em geodos nas rochas vulcânicas cretácicas da Bacia do Paraná. Essa gema é explotada principalmente no Distrito Mineiro de Ametista do Sul (RS), um dos mais importantes produtores mundiais. Depósitos semelhantes ocorrem no oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná, destacando-se a região de Chopinzinho (PR). As ocorrências de ametista de SC são conhecidas há décadas, mas uma exploração sistemática só vem ocorrendo nos últimos anos, desenvolvida por garimpeiros provenientes do RS e do PR, que aplicam as mesmas técnicas de extração do minério utilizada naqueles estados. Um depósito importante ocorre na região de Xanxerê, no município de Entre Rios, situado a 600 km de Florianópolis. Nesse depósito, os geodos mineralizados são extraídos da rocha vulcânica não intemperizada, em túneis horizontais subterrâneos que podem alcançar mais de 100 m de extensão. A rocha mineralizada com ametista dessa região, possui características estruturais, petrográficas e geoquímicas semelhantes às rochas produtoras de Ametista do Sul e de Chopinzinho. A rocha portadora do minério é um basalto afanítico cinza escuro a cinza esverdeado, constituído por microfenocristais de labradorita e augita, envoltos em uma matriz de mesma composição mineralógica, onde são identificados também pigeonita, opacos e argilominerais, estes em geral provenientes da alteração de massas vítreas e dos minerais máficos. Observa-se a presença de vesículas milimétricas a centimétricas preenchidas por quartzo microcristalino granular e fibroso (calcedônia) e calcita. Quimicamente as rochas são classificadas como basaltos (teor de SiO₂ entre 47,81 e 49,91% e teor de álcalis entre 3,49 e 4,24%) do tipo Pitanga (alto teor de Ti). Os geodos mineralizados com ametista são centimétricos, podendo, no entanto, por vezes ultrapassar 1 m de comprimento. As formas são ovóides ou tubulares, sendo comuns as cavidades irregulares. Em geral os geodos estão parcialmente preenchidos por uma camada milimétrica a centimétrica de quartzo microcristalino (calcedônia ou ágata), seguida de cristais centimétricos de quartzo incolor a leitoso que grada progressivamente para ametista. Foram observados em alguns geodos dois pulsos de mineralização, marcados pela repetição da sequência calcedônia/ágata - quartzo incolor - ametista. A cor da ametista varia de violeta muito claro até violeta forte, sendo comum a zonação e a distribuição irregular de cor. Parte da produção é submetida a tratamento térmico, produzindo quartzo citrino de boa qualidade gemológica. A calcita ocorre como um mineral tardio comum e abundante, freqüentemente coberta com quartzo de granulação fina, marcando um evento mais tardio de mineralização silicosa. Observa-se com mais frequência cristais de calcita prismáticos terminados em romboedro e cristais com hábito “dente de cão” e, mais raramente, prismas hexagonais terminados em pinacóide. A cor é predominantemente branca, observando-se também cristais de calcita amarelos a alaranjados. Apesar da semelhança entre as rochas e o minério da região estudada com Ametista do Sul e Chopinzinho, os níveis mineralizados estão situados em cotas distintas nas três áreas, reforçando a hipótese de um processo hidrotermal não associado ao magmatismo como responsável pelos processos de mineralização da ametista e minerais associados.

PALAVRAS-CHAVE: AMETISTA; BACIA DO PARANÁ; GEMAS NO BRASIL.